

A História do Cinema no Município de Palmeira dos Índios e sua ressignificação na atualidade: uma leitura da contribuição do cinema na construção do conhecimento histórico

FRANCISCA MARIA NETA*

DEISIANE DA SILVA BEZERRA**

Resumo: Este artigo tem como proposta fazer uma análise sobre a História do Cinema no Município de Palmeira dos Índios, considerando os aspectos patrimoniais e sua ressignificação na contemporaneidade. Assim como, estabelecer um diálogo entre cinema e história e sua contribuição no processo ensino-aprendizagem. A proposta tem como objetivo proporcionar uma formação acadêmica utilizando métodos e ferramentas que extrapolam os documentos oficiais da História tradicional. Esta perspectiva é ancorada no recorte teórico da História Cultural, tendo como maior referência o historiador Marc Ferro. O uso da imagem e do som propicia a ampliação do diálogo da história com outros saberes, tendo como recurso metodológico a exibição de filmes, documentários, debates, possibilitando estreitamento das relações entre a universidade, a educação básica e a sociedade palmeiríndia.

Palavras-Chaves: Cinema. Patrimônio. Ensino.

Introdução

A discussão que perpassa pela relação do conhecimento histórico e seu diálogo com o cinema nesse trabalho não é uma análise recente, mas que nos estudos mais recentes das correntes históricas do século XX tem marcado consideravelmente presença na produção do conhecimento histórico.

No processo ensino-aprendizagem faz-se necessário ter uma visão ampliada que valorize os aspectos históricos, sociais e culturais, fazendo uma conexão entre a sala de aula e as diferentes dimensões da realidade local e regional no processo de formação do aluno, desde o ensino fundamental até a formação superior.

* Professora do Curso de História do Campus III da Universidade Estadual de Alagoas e Coordenadora do Núcleo de Estudos do Patrimônio Cultural, Imagem e Memória – NEPIM.

** Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Alagoas e Pesquisadora do Núcleo de Estudos do Patrimônio Cultural, Imagem e Memória – NEPIM.

Este trabalho é decorrente de um projeto de extensão que tem como proposta utilizar a exibição de filmes e documentários que retratam a história nacional, regional e local e, posteriormente, promoção de debates por professores ou pesquisadores sobre as temáticas propostas. As atividades acontecem nas escolas da comunidade de Palmeira dos Índios e no Campus III – UNEAL, favorecendo e democratizando a troca de experiências entre os alunos e professores da universidade e alunos e professores da Educação Básica de Palmeira dos Índios, de modo que o Ensino de História passe a ocupar o seu lugar na sociedade, promovendo espaços de debates e de políticas para construção de um campo de memória que estimule a valorização da cultura.

Esta proposta tem sua viabilidade prática comprovada, pois já vem sendo executada sob a forma de laboratório através de parceria estabelecida com um grupo de cinema e teatro da cidade de Palmeira dos Índios (CINE CLUB GRAÇA), onde realizamos mensalmente exibição de documentário e debates com estudiosos da temática. Essa atividade é itinerante e vem acontecendo no campus III da UNEAL e em comunidades do município. Dessa forma, estamos levando a universidade para além dos seus muros e ajudando a consolidar a extensão como atividade imprescindível do fazer acadêmico.

1. História Cultural e Cinema

No decorrer do Século XX e início do século XXI o ensino de História tem se inserido no diálogo das diversas correntes teóricas e metodológicas. A investigação historiográfica amplia seu campo teórico-metodológico e os documentos não se restringem apenas aos materiais escritos. A história passa a ser pesquisada, além do âmbito político, econômico e religioso, também, pelo aspecto social e cultural; caracterizando-se como História problema ou História total.

Com o avanço tecnológico no mundo contemporâneo, a utilização do cinema e das imagens como ferramentas de ampliação da compreensão da história pode ser entendida como instrumento que permite ao aluno transportar a imagem para o seu cotidiano e, este, servirá para quebrar as trancas da caverna da memória onde as lembranças e os esquecimentos o

farão se perceber como ator do processo histórico e nessa dinâmica, ainda perceberá que a micro história não é diacrônica à macro história.

A História deve estabelecer um efetivo diálogo com as diversas ciências sociais, entre elas a sociologia, geografia, antropologia, psicologia social, museologia, arquivologia, etc. Para (BURKE, 1991:13):

A história dos Annales pode assim ser interpretada em termos da existência de três gerações, mas serve também para ilustrar o processo cíclico comum segundo o qual os rebeldes de hoje serão o establishment de amanhã, transformando-se, por sua vez, no alvo dos novos rebeldes. Mesmo assim, algumas de suas preocupações básicas permanecem, pois a revista e os indivíduos a ela associados oferecem o mais sistemático exemplo, neste século, de uma interação fecunda entre a história e as ciências sociais.

A Escola dos Annales representou para o século XX uma mudança de paradigma no campo de investigação teórico e metodológico na historiografia incontestável. Apesar de haver uma falta de uniformidade metodológica das três gerações, ainda assim, constitui um modelo de compreensão de mundo em que são incluídos personagens da história até então encobertos nas ruínas da história. Nessa perspectiva, novas categorias de análises são incorporadas ao novo modelo teórico, tais como: História problema, cultura erudita X cultura popular, singularidade X causalidade, macroestruturas X micro-história.

A contribuição da Escola dos Annales é considerada uma mudança de paradigma nos modelos teóricos e metodológico até então existente. Assim como, estreita a produção de seu conhecimento com outros saberes, tais como, a arte, o cinema, a fotografia, etc. Para (PINHEIRO, 2006:2):

[...]Destarte com o surgimento da História das Mentalidades e do imaginário a iconografia obteve importância como fonte histórica...com essa abertura no campo da história o filme passa a adquirir um estatuto de fonte preciosa para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, identidades, ideologias, e dos valores de uma sociedade ou de um momento histórico.

A terceira geração dos Annales é constituída por diversas formas de expressão metodológicas que não representam uma unidade, entre elas, história serial, história das mentalidades, etc. Novos temas são introduzidos no debate histórico como: infância, família, gênero, morte, etc. Para (BURKE, 1991:126):

Daminha perspectiva, a mais importante contribuição do grupo dos Annales, incluindo-se as três gerações, foi expandir o campo da história por diversas áreas.

O grupo ampliou o território histórico, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-la. Estão também associadas à colaboração com outras ciências, ligadas ao estudo da humanidade, da geografia à lingüística, da economia à psicologia. Essa colaboração interdisciplinar manteve-se por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes na história das ciências sociais.

Portanto, é inegável a contribuição desta corrente teórica da historiografia do século XX. A Escola dos Annales, de certa maneira, atribuiu valores através de uma enorme aceitabilidade de centros universitários pelo mundo afora, assim como, uma maior interação com outras ciências da sociedade: antropologia, psicologia social, sociologia e linguística.

Entretanto, algumas críticas são consideráveis referentes a essa abordagem teórica. Conforme Dosse, 1992, o projeto dos pais fundadores da Escola dos Annales foi negligenciado pelos integrantes da terceira geração. A história-problema ou história total, defendida pela primeira geração é abandonada pela micro-história ou história imóvel da terceira geração. Para (DOSSE, 1992: 249), “A continuidade reivindicada mascara, de fato, as numerosas inflexões e rupturas entre o discurso histórico dos anos 30 e o dos anos 80, apesar de certo número de orientações fundadoras, ainda hoje, estarem presentes.” Não obstante, a contribuição dos Annales constituiu, mesmo na fragmentação, um campo de investigação que privilegia a história cultural: a história dos menos favorecidos.

2. O Cinema como Linguagem Metodológica do Ensino de História

O cinema surge no mundo contemporâneo, mais precisamente no final do século XIX como inovação que dá a ilusão de uma verdade em movimento. Para (BERNARDET, 1996:12) “essa ilusão de verdade, que se chama impressão da realidade, foi provavelmente a base do grande sucesso do cinema.” Dentre outras implementações tecnológicas, o cinema, apesar de triunfar no universo cultural, ainda não é considerada uma arte maior, portanto, sendo qualificada como a sétima arte.

O uso do cinema como instrumento de aprofundamento do ensino é um artifício importante para entender outros olhares além do academicismo. Conforme (BERNARDET, 1996:20), “a história do cinema é em grande parte a luta constante para manter ocultos os

aspectos artificiais do cinema e para sustentar a impressão da realidade”. Para o historiador, o importante é a produção de seus conteúdos que sustenta a aproximação de impressão da realidade.

O cinema como instrumento de metodologia na academia das ciências sociais, tem pioneirismo na antropologia, nas áreas de antropologia da imagem e do som e antropologia visual. Para (BARBOSA E CUNHA, 2006:08) “Percorremos assim, desde os pontos de contato das histórias do nascimento da antropologia como uma disciplina e do cinema como uma linguagem até as experiências paradigmáticas da utilização da imagem no âmbito da pesquisa etnográfica”. Um avanço que instrumentalizou uma possibilidade metodológica na pesquisa antropológica.

Já no campo investigativo da ciência história a idéia de estudar filmes como documento histórico, só teve reconhecimento metodológico em meados do século XX, principalmente com o modelo paradigmático das terceira geração da Escola dos Annales. Para (FERRO, 2010:09), um expoente dos estudos de cinema e história tornou-se uma relação entre dois universos afirma. “[...] quando se cogitou, no início da década de 1960, a idéia de estudar os filmes como documentos, e de se proceder, assim, a uma contra-análise da sociedade, o mundo universitário se agitou.” Principalmente porque o cinema não tinha a mesma legitimidade dos privilégios artístico da alta aristocracia.

No decorrer do movimento teórico e metodológico no campo da investigação histórica as interfaces na atualidade entre cinema e história são múltiplas. Transitando por uma construção literária, percepções imaginárias e ideológicas. Afirma (FERRO, 2010:09):

Assim como todo produto cultural, toda ação política, toda indústria, todo filme tem uma história que é História, com sua rede de relações pessoais, seu estatuto dos objetos e dos homens, onde privilégios e trabalhos pesados, hierarquias e honras encontram-se regulamentados; os lucros da glória e os do dinheiro são aqui regulamentados com a previsão que seguem os ritos de uma carta feudal: guerra ou guerrilha entre atores, diretores, técnicos, produtores, que é mais cruel à medida em que, sob o estandarte da Arte, da Liberdade, e na promiscuidade de uma aventura comum, não pode existir empreendimento industrial, militar, político ou religioso que conheça diferença tão intolerável entre o brilho e a fortuna de uns e a obscura miséria dos outros artesãos da obra.

São as interferências múltiplas entre a História que se faz e a História compreendida com relação ao nosso tempo. É na confluência entre a realidade vivida e a realidade produzida na tela que o interlocutor procura decifrar as lacunas e artimanhas institucionais que a

sociedade constrói e desconstrói no palco social. Para essa compreensão algumas questões precisam ser levantadas: Como o filme representa o conhecimento? Qual o lugar da imagem na pesquisa histórica? Que representações surgem na produção cinematográfica de uma época ou de um grupo social? Como cinema se torna uma produção coletiva?

Ao que se refere ao campo investigativo de História, deve-se compreender e analisar o surgimento da História e o desenvolvimento dos conceitos que norteiam os paradigmas da História enquanto forma de conhecimento. E algumas indagações na relação história e cinema precisam ser elucidadas ao que se refere à prática do professor como um interlocutor de compreensão de si, do outro e do mundo. Perguntamos então: Seria o filme um documento para o historiador? Como o historiador deve escrever a História utilizando-se da imagem fílmica? O que representa o filme para o historiador? Conforme (FERRO, 2010:56):

O historiador tem por função primeira restituir à sociedade a História da qual os aparelhos institucionais a despossuíram. Interrogar a sociedade, pôr-se à sua escuta, esse é, em minha opinião, o primeiro dever do historiador. Em lugar de se contentar com a utilização de arquivos, ele deveria antes de tudo criá-los e contribuir para a sua constituição: filmar, interrogar aqueles que jamais têm direito a fala, que não podem dar seu testemunho. O historiador tem por dever despossuir os aparelhos do monopólio que eles atribuíram a si próprios e que fazem com que sejam a fonte única da história. Não satisfeitos em dominar a sociedade, esses aparelhos (governos, partidos políticos, igrejas ou sindicatos) acreditam ser sua consciência. O historiador deve ajudar a sociedade a tomar consciência dessa mistificação.

O historiador, assim como professor de história, precisa compreender o processo de ensino e aprendizagem enquadrando as diversas perspectivas da produção do saber, assim como, identificar os aspectos que compõem a educação, desde os projetos educacionais até a dominação dos aparelhos ideológicos que representam e dominam as instituições sociais.

O professor tem a responsabilidade se apropriar das propostas das políticas públicas educacionais e entender qual sua relação com a indústria cultural e com os diversos avanços tecnológicos da sociedade atual. A sala de aula não constitui apenas o espaço educacional, mas, político e social, assim como, o ensino de História não se restringe aos conteúdos do livro didático, mas deve ser ampliado ao diálogo do patrimônio histórico e cultural.

3. Ressignificação do Cinema em Palmeira do Índios

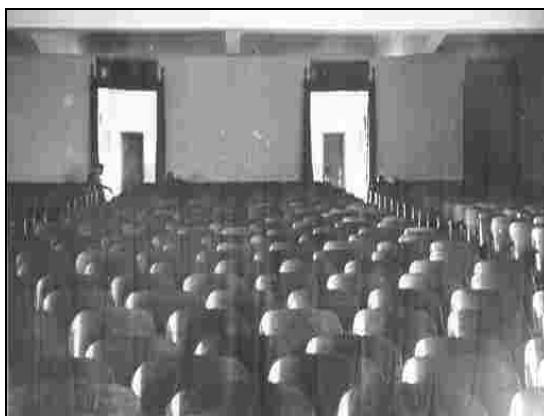
Durante boa parte do século XX, o Cinema foi de fundamental importância na cidade de Palmeira dos Índios e servia não apenas para mostra de filmes, mas também como espaço de sociabilidade. As pessoas se encontravam para fugir da rotina diária de trabalho e afazeres domésticos; conversar; namorar; rever os amigos, etc.

Três cinemas ficaram registrados com maior ênfase na História de Palmeira dos Índios, O Cine Palácio e Moderno, situados no centro da cidade e o Cine São Luiz na saída para Maceió.

A primeira sala de projeção inaugurada em Palmeira dos Índios, de acordo com o artigo “Os Cinemas em Palmeira: Especial”, publicado em 1997 no Jornal Tribuna do Sertão¹, foi o Cine Helvética. Fato que aconteceu no dia 05 de março de 1920.

O Cine Palácio, com acomodações para aproximadamente 800 pessoas, foi inaugurado em 14 de julho de 1956, segundo Ivan Barros, jornalista e escritor local, a casa de espetáculos foi uma das mais belas edificações do gênero em Alagoas. Um espaço que servia para projeções de películas e também como palco, onde foram realizadas diversas apresentações de artistas famosos na época. Lá também aconteciam festas e programas de auditório. Naquele 14 de julho, as pessoas se renderam a magia do cinema, quebrando a monotonia do seu dia a dia para ir assistir ao filme Pacto de Honra.

Fig.01 Interior do Cine Palácio



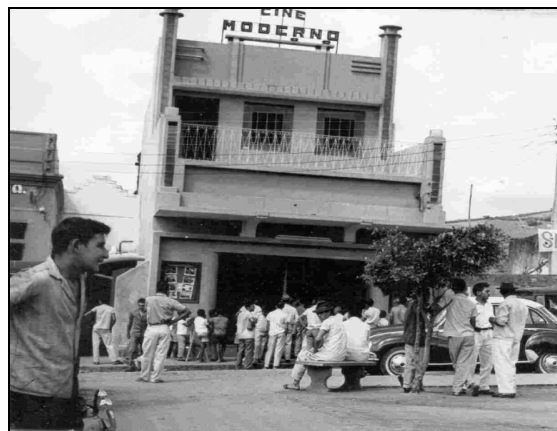
Fonte: Acervo do NEPEF, 1970.²

¹ Jornal de circulação local, 15 de março de 1998.

² NEPEF- Núcleo de Estudos Políticos Estratégicos e Filosóficos, vinculado a Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

Também na década de 1950, nasceu o Cine Ideal, depois rebatizado de Cine Moderno; uma sala de projeção estreita e comprida, medições que lhe renderam o apelido de Cine Tripinha. Não demorou a fechar as portas, ficando em funcionamento um curto espaço de tempo. Mais tarde, no prédio em que ele funcionava, se instalou uma igreja evangélica.

Fig.02 Fachada do Cine Moderno



Fonte: Acervo do NEPEF, 1966.³

O Cine São Luiz, situava-se na Avenida Muniz Falcão, próximo a ferrovia, de boa localização e infraestrutura. Mais tarde também teve o mesmo fim dos outros cinemas, fechando as portas no final da década de 1960.

Fig.03 Fachada atual do prédio onde funcionava o Cine São Luiz



Fonte: Acervo do NEPIM⁴, 2013.

³ Idem.

Segundo Edmilson Sá⁵, até mesmo os moradores que não dispunham de boas condições financeiras, trabalhavam de dia pra ter dinheiro para ir ao cinema à noite. Mais que uma fuga da rotina, o cinema também era símbolo de *status*. As pessoas iam pra assistir, pra se divertir, mas também, para serem vistas.

Sem televisão, na maioria das casas, ou outro tipo de entretenimento, não havia muitas opções de diversão na cidade. Até o acesso a energia elétrica era um problema. O cinema movimentava a noite da cidade; se tornou uma necessidade sócio-cultural e econômica.

Mais tarde, houve uma tentativa frustrada, o Cine São Luiz reabriu as portas. Contudo, os tempos eram outros; a magia que o cinema propiciava na década de 60 havia se extinguido para a sociedade palmeiríndio. No Jornal Folha de Palmeira, foi estampada a seguinte nota:

*O Cinema São Luiz, que há mais de 1 ano cerrou suas portas, reabrirá nos próximos dias, segundo entendimentos que estão sendo mantidos entre o Sr. Abdias Amorim e João José Araújo. As máquinas para o funcionamento do cinema já chegaram a Palmeira, faltando, apenas, cadeiras. Já estão sendo mantidos contatos entre os sócios da empresa São Luiz e a direção de uma fábrica de móveis para aquisição do mobiliário necessário.*⁶

Pouco tempo depois, o Cine São Luiz volta a fechar suas portas e, dessa vez, definitivamente. O Cine Moderno foi o que mais resistiu às mudanças que ocorreram com os avanços tecnológicos e, propiciando as mudanças de hábitos; vindo a fechar na década de 1980. A magia do cinema, esse meio tempo, gradativamente foi perdendo sua importância sócio-econômica.

Com o advento da tecnologia de entretenimento, representada pelas TVs, videocassetes e depois DVDs, se fecham as cortinas da fantasia e morre o cinema palmeiríndio, enquanto espaço físico e social da sétima arte. Além do cinema ter perdido espaço de referência patrimonial na estrutura física da cidade, perdeu também, no imaginário das pessoas. Esse espaço representado pelo cinema foi se ressignificando outras referências territoriais.

⁴ Núcleo de Estudos do Patrimônio Cultural, Imagem e Memória, vinculado a Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

⁵ Professor de História no Colégio Estadual Humberto Mendes/AL.

⁶ Jornal de circulação local, 11 de Janeiro de 1970.

Fig.04 Local onde funcionava o Cine Moderno/Ideal



Fonte: Acervo do NEPIM⁷, 2013.

Hoje, em Palmeira dos Índios, pode-se perceber um movimento de resgate do cinema, através de projeto de extensão universitária, submissão a editais projetos culturais por companhias de cinema locais cinema itinerante. Esse movimento tem promovido tanto a produção de documentários com a exibição de filmes em espaços educacionais (universidades e escolas), propiciando uma série de novas possibilidades de avanços no contexto do ensino e aprendizagem; como também, em espaços abertos, como praças e ruas da cidade, propiciando uma redescoberta dessa arte, que um dia foi de fundamental importância nessa cidade.

Conclusão

O estudo proposto sobre história e cinema teve como objetivo fazer um diálogo entre as posturas de ensino/aprendizagem tradicionalmente adotadas na sala de aula e uma nova forma de utilizar instrumentos não convencionais, como cinema, filmes, documentários que possam dialogar com a História.

Essa proposta fundamenta-se na perspectiva de inovar o relacionamento entre a universidade e as escolas do ensino básico, assim como, organizações que atuam no campo educacional e cultural. Tendo como suporte teórico as correntes ligadas à micro-história, história cultural e história do cotidiano.

⁷ Núcleo de Estudos do Patrimônio Cultural, Imagem e Memória, vinculado a Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

O uso de imagem na história possibilita a expansão de um novo horizonte para compreender a história além dos documentos formais. Por essa perspectiva, um documento histórico não se resume apenas aos documentos oficiais, mas todas as possibilidades de interpretações da realidade social, econômica, política e cultural.

O professor de história pode então, buscar mecanismos de explicação dos acontecimentos históricos através de ferramentas facilitadoras de compreender momentos históricos distantes de sua realidade. O uso de filmes, documentários, imagens, fotografias, mapas, museus, patrimônios arquitetônicos e imateriais são alguns dos documentos a serem explorados pelo professor além do livro didático.

As políticas educacionais que privilegiam a cultura como forma de inclusão das diversas camadas da sociedade deve fazer parte dos programas acadêmicos; que a universidade estabeleça um diálogo mais eficaz com a comunidade. Os projetos de extensões representam o caminho para a eficácia das políticas culturais que envolvam as diversas comunidades no entorno universitário.

O diálogo entre cinema e história num município de médio porte em que as possibilidades culturais são escassas. Em que o advento da mídia pasteurizada se apropria dos espaços domésticos através dos sistemas de televisão, da internet e mídias audiovisuais. Estabelecer uma parceria entre a comunidade de Palmeira dos Índios e a Universidade e construir um debate histórico através do cinema e a historiografia são proposta de suma importância para execução de atividades inovadora no agreste alagoano.

Embora seja impossível resgatar no imaginário popular, o real significado que o cinema um dia teve na cidade de Palmeira dos Índios; que retratava as características de uma população e de tempo histórico. O trazer, de novo, o para o cotidiano dessa cidade que um dia respirou cinema, propicia um alargamento cultural e abre portas para sua inserção, numa nova conjuntura social. Ao tempo que, provoca nas instituições de ensino um novo olhar sobre as competências educacionais e novas possibilidades de introdução de uma arte de enorme potencial que sirva de ferramenta no contexto da aprendizagem.

Portanto, a divulgação das atividades acadêmicas do Curso de História para o conhecimento da sociedade, enfatizando o Cinema no contexto educacional, através de ações

acadêmicas; possibilita um diálogo entre universidade e comunidade; uma proposta de política cultural.

Referência Bibliográfica

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006 (passo-a-passo; 68).

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 11ª Reimpressão, Brasiliense: São Paulo, 1996. – (Coleção primeiros passos, 9)

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção docência em formação)

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales, 1929-1989: a revolução francesa da historiografia**. 3. Ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CAIMI, Flávia Eloísa et al (org.). **O livro didático e o currículo de história em transição**. 2. Ed. Passo Fundo: UPF, 2002.

CARNES, Mark. (Org.). **Passado imperfeito: a história no cinema**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

DOSSE, François. **A História em Migalhas: dos Annales à nova História**. 2ª Reimpressão. São Paulo: Ensaio; Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **O conhecimento histórico, os filmes, as mídias**. Oficina Cinema-História 2004. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/Artigos.html>. Acesso em: 29 fevereiro, 2013.

FÔLHA DE PALMEIRA. **Cine São Luiz**. Palmeira dos Índios, 11 de Janeiro de 1970 – Nº 17 – Ano 1.

FREITAG, Bárbara. **Política Educacional e Indústria Cultural**. 2 Ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1989 (Coleção polêmicas do nosso tempo, 26)

JORNAL TRIBUNA DO SERTÃO. **Os Cinemas em Palmeira: Especial**. Palmeira dos Índios de 09 a 15 de março de 1998.

LE GOFF, Jacques. **Historia e Memória**. 4ª ed. São Paulo: UNICAMP, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, Metodologia e Memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PINHEIRO, Alexandre Coelho. **Um diálogo entre o cinema e o ensino da história no longa-metragem cruzada, do cineasta Ridley Scott**. Anais do III Encontro Estadual de História: poder, cultura e diversidade. ST 2: História e Imagem, 2006.

PINSK, Carla Bassanezi; LUCA Tania Regina de (orgs). **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

SÁ, Edmilson da Silva, **Entre o efêmero e as marcas da vida: um olhar sobre o cotidiano de Palmeira dos Índios nos anos 1960**, 2008. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Vh6gnoz4uhYJ:dc408.4shared.com/doc/XDrN-cFK/preview.html+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 15 de fevereiro de 2013.

ZANBONI, Silvio. **A pesquisa em Arte: um paralelo entre Arte e Ciência**. 3.Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. – (Coleção polêmicas do nosso tempo, 59)